



**Erva até 200 cm, de flores reunidas em pequenas “bolinhas” branco-sujo.**

**Nome científico:** *Conyza sumatrensis* (Retz.) E. Walker

**Nomes vulgares:** avoadinha-marfim, avoadeira, avoadinha-branca-de-pelos-compridos

**Família:** Asteraceae (Compositae)

**Estatuto em Portugal:** espécie invasora

**Nível de risco:** 26 | Valor obtido de acordo com um protocolo adaptado do Australian Weed Risk Assessment (Pheloung et al. 1999), segundo o qual valores acima de 6 significam que a espécie tem risco de ter comportamento invasor no território Português | Atualizado em 30/09/2015.

**Sinonímia:** *Conyza albida* Sprengel, *Conyza albida* Willd. Ex. Spreng.

**Data de atualização:** 05/10/2015

**Ajude-nos a mapear esta espécie na nossa [plataforma de ciência cidadã](#).**

### **Como reconhecer**

**Erva anual de até 200 cm, de aspeto robusto.**

**Folhas:** verde-acinzentadas, densamente peludas; as folhas inferiores lanceoladas, com margens recortadas, as superiores linear-lanceoladas, inteiras.

**Flores:** reunidas em capítulos cujas brácteas involucrais são densamente peludas; lígulas muito pequenas, dificilmente observáveis.

**Frutos:** cipselas branco-sujo, com papilho de 3 mm de diâmetro; capítulos (abertos) com 4-8(10) mm de diâmetro.

**Floração:** junho a agosto.

## Espécies semelhantes

As várias espécies que surgem em Portugal são espécies muito semelhantes sendo difícil distingui-las. Adicionalmente, as espécies de *Conyza* hibridizam facilmente entre si, dando origem a híbridos com características intermédias o que dificulta ainda mais a identificação.

*Conyza sumatrensis* distingue-se de *Conyza bonariensis* (avoadinha-peluda) por ter porte maior (*C. sumatrensis* até 200 cm; *C. bonariensis* até 60cm) e capítulos abertos menores (*C. sumatrensis* 4-8 mm; *C. bonariensis* 8-15 mm).

Distingue-se de *Conyza canadensis* (avoadinha) por apresentar brácteas involucrais e folhas densamente peludas (enquanto *C. canadensis* não tem pelos nas brácteas involucrais e nas folhas tem cílios apenas na margem e na nervura central) e ausência de lígulas bem visíveis.

## Características que facilitam a invasão

Reproduz-se por via seminal produzindo um elevado número de sementes as quais são eficientemente dispersas pelo vento, aumentando rapidamente a sua área de distribuição.

## ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO

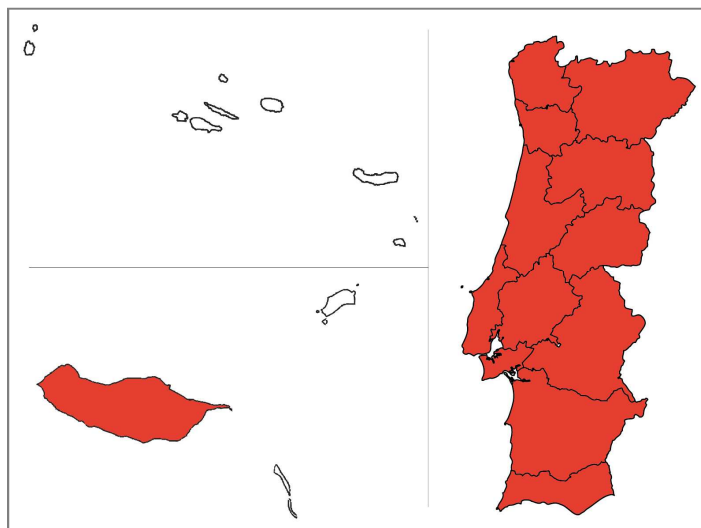
### Área de distribuição nativa

América do Sul.

### Distribuição em Portugal

Portugal continental (todas as províncias), arquipélago da Madeira (ilha da Madeira).

Para verificar localizações mais detalhadas desta espécie, verifique o [mapa interactivo online](#). Este mapa ainda está incompleto - precisamos da sua ajuda! Contribua submetendo registos de localização da espécie onde a conhecer.



### Outros locais onde a espécie é invasora

Europa (Espanha, França, Roménia, Jugoslávia, Reino Unido).

### Razão da introdução

Provavelmente accidental, muito antiga.

### 📍 Ambientes preferenciais de invasão

Espécie infestante ruderal, muito frequente em áreas perturbadas: áreas urbanas, margens de vias de comunicação e terrenos cultivados ou baldios. Surge também em áreas naturais e seminaturais (e.g. dunas) normalmente associada a eventos de perturbação.

## IMPACTES

### Impactes ecológicos

Forma áreas densas que impedem o desenvolvimento de vegetação nativa.

## Impactes económicos

Custos elevados na aplicação de medidas de controlo, principalmente em áreas cultivadas.

Diminuição da produtividade em terrenos agrícolas.

## Outros impactes

Devido à elevada produção de pólen, é considerada uma planta alergénica.

## CONTROLO

O controlo de uma espécie invasora exige uma gestão bem planeada, que inclua a determinação da área invadida, identificação das causas da invasão, avaliação dos impactes, definição das prioridades de intervenção, seleção das metodologias de controlo adequadas e sua aplicação. Posteriormente, será fundamental a monitorização da eficácia das metodologias e da recuperação da área intervencionada, de forma a realizar, sempre que necessário, o controlo de seguimento.

As metodologias de controlo usadas em *Conyza sumatrensis* incluem:

### Controlo físico (metodologia preferencial)

**Arranque manual:** aplica-se a plantas de todas as dimensões. Em substratos mais compactados, o arranque deve ser realizado na época das chuvas de forma a facilitar a remoção do sistema radicular.

**Práticas agrícolas de mobilização do solo (lavoura, gradagem):** aplica-se a plantas de todas as dimensões em situações de infestações densas. Devem ser realizadas antes da floração.

### Controlo químico

**Aplicação foliar de herbicida.** Pulverizar com herbicida (princípio ativo: glifosato) limitando o mais possível a aplicação à espécie-alvo. A aplicação de herbicida deve ocorrer nos estádios iniciais de desenvolvimento da planta, antes do eixo primário estar desenvolvido.

Visite a página [Como Controlar](#) para informação adicional e mais detalhada sobre a aplicação correta destas metodologias.

Para mais informações, visite a página [www.invasoras.pt](http://www.invasoras.pt) e/ou contacte-nos para [invader@uc.pt](mailto:invader@uc.pt).

## REFERÊNCIAS

Alves P, Aguiar C (2012) Três neófitos novos para a Flora de Portugal. *Silva Lusitana* 20 (1-2): 136-138.

CABI (2012) *Conyza sumatrensis*. In: *Invasive Species Compendium*. CAB International, Wallingford, UK. Disponível: [www.cabi.org/isc](http://www.cabi.org/isc) [Consultado 10/11/2012].

Carvalho JA (2008) *Conyza sumatrensis* (Retz.) E. Walker In: Silva L, Land EO, Luengo JLR (eds) *Flora e fauna terrestre invasora na Macaronésia. Top 100 nos Açores. Madeira e Canárias*. Arena, Ponta Delgada, pp. 478-480.

Dana ED, Sanz-Elorza M, Vivas S, Sobrino E (2005) *Especies vegetales invasoras en Andalucía*. Consejería de Medio Ambiente, Junta de Andalucía, Sevilla, 233pp.

Flora Digital de Portugal (2012) *Conyza sumatrensis*. Disponível: [http://jb.utad.pt/especie/conyza\\_sumatrensis](http://jb.utad.pt/especie/conyza_sumatrensis) [Consultado 10/11/2012].

Marchante E, Freitas H, Marchante H (2008) *Guia prático para a identificação de plantas invasoras de Portugal Continental*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 183pp.

Pheloung, P.C., Williams, P.A., Halloy, S.R., 1999. A weed risk assessment model for use as a biosecurity tool evaluating plant introductions. *Journal of Environmental Management*. 57: 239-251.